

SOBRE O IMAGINÁRIO INFANTIL: CONEXÕES COM A OBRA DE ANTOINE SAINT-EXUPÉRY – O PEQUENO PRÍNCIPE

Leonardo Augusto Verde Charréu¹

Ana Cláudia Barin²

Rafael Dolinski Aranha³

RESUMO: Este artigo apresenta um relato sobre algumas aulas da disciplina (ART1011) *Arte na Infância e Adolescência*, pertencente à grade curricular do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Essas aulas foram planejadas a partir da *Docência Orientada* do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSM), no segundo semestre de 2014. Aqui pretendemos traçar conexões com o imaginário infantil a partir do livro de Antoine Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*. Por meio desta obra de literatura infantil construímos relações com o desenvolvimento infantil, acerca de escolhas sobre os diferentes mundos e personagens presentes no livro e como isso reverbera no imaginário da criança. Essas narrativas nos fizeram voltar a questões de memória e lembrança e como a fase adulta pode, em alguns momentos, afastar-se ou aproximar-se desses desenvolvimentos de capacidade criadora.

Palavras-chave: Imaginário. Desenvolvimento infantil. Infância. Literatura infantil.

ABSTRACT: This paper presents an account on some lessons of the discipline (ART1011) Art in Childhood and Adolescence, which belongs to the curricular matrix of the teaching degree in Visual Arts at Federal University of Santa Maria. These lessons were planned in the Supervised Teaching Practice, a discipline of the Graduate Program in Education (PPGE/UFSM) held during the second semester of 2014. Here we seek to draw connections with the children's imaginary through Antoine Saint-Exupéry's book *The Little Prince*. By means of this children's literature work, we have built relations with child development, about choices on the different worlds and characters presented in the book and how they reverberate in the child's imaginary. Those narratives took us back to issues of memory and remembrance and how adulthood can, at times, move away of or closer to the developments of creative capacity.

Keywords: Imaginary. Child development. Childhood. Children's literature

Introdução

Este artigo foi escrito a partir de múltiplas ideias e questionamentos que borbulharam na disciplina de *Arte na Infância e Adolescência* do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Entre tantos outros, as acadêmicas - Jéssica Maria Freisleben, Maria da Graça Barbosa e Rosenara Soares Maia - trouxeram diferentes artifícios que

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-graduação em Educação, linha de pesquisa Educação e Artes da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: leonardo.charreu@gmail.com

² Doutoranda em Educação e Artes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - PPGE/UFSM. E-mail: anaclaudiabarin@hotmail.com

³ Arte-educador no Colégio Estadual Jardim Novo Mundo – Goiânia-GO. Licenciado em Artes Visuais – Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: dolinski.aranha@gmail.com

amarramos na escrita sobre o imaginário infantil e o livro de Antoine Saint-Exupéry - *O pequeno Príncipe*.

A disciplina tem como um dos objetivos tratar de autores e conceitos que embasam o desenvolvimento infantil e suas fases cognitivas e expressivas. Usamos a literatura de Antoine Saint-Exupéry para traçar relações com questões sobre a criatividade e inventividade na infância.

Partimos do princípio de que a literatura - ou pelo menos algumas de suas obras selecionadas - poderia dar um contributo para pensar a educação dirigida à infância, em particular, embasando a que busca ultrapassar as barreiras disciplinares rígidas que frequentemente engessam, com seus formalismos, certas práticas pedagógicas.

1 O pequeno príncipe

Escrito em 1943, *O Pequeno Príncipe* é um livro repleto de críticas sociais, um retrato da sociedade humana adulta e suas mazelas colocadas em confronto com o universo infantil. O personagem central desta história, um piloto de avião, narra as experiências e vivências da viagem de um menino questionador pelo espaço. Nestas andanças entre um planeta e outro, o pequeno príncipe tem encontros com personagens que caracterizam a forma como o mundo adulto se relaciona com as coisas e com as pessoas: são relações superficiais e de aparência onde o leitor pode averiguar inspirações materialistas e caprichosas como o orgulho, os vícios e a ambição (como é o caso dos personagens do Rei, do Bêbado e do Contador, presentes no livro). No entanto, este encontro entre personagens adultos com a criança traz ao leitor, bem como ao narrador da história, a possibilidade de questionar o modo de vida que levamos, bem como a valorização de pequenos detalhes que constituem as relações humanas que são por muitas vezes menosprezadas.

Amor, amizade, criatividade e busca constante por respostas são inerentes ao processo de construção subjetiva da criança (e também do adulto). Podemos pensar na importância de compreender o imaginário infantil, seus questionamentos e sua inventividade para considerarmos de que maneira a educação pode contribuir para que as potencialidades presentes naqueles indivíduos sejam significativas na relação deles com o mundo e em relação aos valores que os adultos atribuem ao mundo em que vivem. Assim, importa preliminarmente pensar em um posicionamento adulto faz aquilo que uma criança na realidade é. Significa pensar cada criança como ser único e por isso:

(...) ao se questionar sobre o que é a criança e, ao mesmo tempo, sobre a maneira adequada de educá-la e instruí-la, o adulto começa a situar-se, por sua vez, em relação a esse ser recém-chegado, idêntico a ele mesmo e, contudo, tão diferente, seu *outro* promissor, que ele deixou de ser. (RENÉ, 2009, p. 20)

Este nosso tema potenciou uma problematização que se traduziu em um conjunto de perguntas iniciais de pesquisa: O que a infância nos permite relacionar com os desenvolvimentos e processos que não estão ligados somente às dimensões cognitivas do intelecto? Do que se serve a infância quando falamos de contagiar sentimentos para o estímulo da inventividade? O que pode inventar o olhar criativo de uma criança?

Estas perguntas conduziram o nosso processo de pesquisa que nos levaram a aprofundar as relações entre os processos criativos nas crianças e os elementos de nossa cultura literária que, de forma transdisciplinar, achamos poderem se constituir como disparadores para o enriquecimento de seu imaginário e sua produção artística, tendo a obra de Saint-Exupéry (conhecendo-se, inclusive vários desenhos do próprio escritor) como referência.

2 Olhar criativo

Saint-Exupéry dá início à narrativa contando sobre uma reflexão acerca de sua infância, quando faz uma descoberta através de uma gravura que ilustrava a forma como as jibóias se alimentam. A partir desta curiosidade, o personagem que naquela situação possuía seis anos de idade, produz dois desenhos: duas representações de uma jibóia se alimentando de um elefante. Em seguida, narra a sua experiência sobre mostrá-los aos adultos:

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: ‘por que é que um chapéu daria medo?’
Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações detalhadas. (...)
As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando. (SAINT-EXUPÉRY, 2004, p. 09-10)

Este excerto autobiográfico do escritor francês levou-nos a elaborar mais um série de questões orientadoras de nossas reflexões: Como é possível nos tornarmos adultos e deixarmos de ver e explorar o mundo através de um olhar criativo e inventivo? Qual a relação entre os anseios infantis e a educação que recebemos durante nossa infância em meio aos anseios adultos?

Estas questões assumem relevância, sobretudo quando alguns autores identificam claramente um desajuste entre os interesses dos adultos e os das crianças. Os adultos circulam, por isso, em outros universos próprios e

(...) em definitivo o adulto, qualquer que seja a sua condição social ou cultural está mais próximo de outro adulto, ainda que difiram as suas coordenadas e variáveis socioculturais, incluindo as ideológicas que sustentam o seu pensamento. (GARCIA, 2004, p. 25)

Há ainda a considerar toda uma tendência (que mais uma vez é bem adulta) para encaixar a produção gráfica infantil em esquemas interpretativos pré-determinados. E isso, na maioria das vezes, ignora os significados profundos da grafia plástica infantil, como destaca Luisa Garcia:

A expressão iconográfica, que não nasce de um imperativo social, como a escritura fonética, mas sim do impulso primário por representar o mundo, obedecendo a regras não escritas que emergem da própria busca pelo sentido, encontra da parte do adulto uma barreira intransponível. No mundo adulto o desenho infantil é entendido inconscientemente como uma transgressão da norma proposicional a que se é obrigado submeter. No melhor dos casos, o adulto é tolerante com a produção gráfica espontânea, ou mostra curiosidade, honesta, mas insuficiente para revalidar e compreender os significados implícitos”. (GARCIA, 2004, p. 25)

Cada indivíduo carrega consigo potencial criativo, inventivo e imaginativo que pode ser explorado, e a criança ao conversar, brincar e conviver com aqueles que a cercam acaba por construir um olhar e uma percepção sobre si e sobre o mundo, formando, conseqüentemente, olhares e percepções coletivos. Se vivemos em um contexto onde as nossas preocupações estão voltadas para um sistema econômico e social afastado das necessidades básicas do ser humano – como a afetividade, por exemplo – teremos crianças desencorajadas a viver uma infância lúdica, criativa e prazerosa. São as relações socioculturais essenciais no desenvolvimento da criança e da infância, e são através delas que se dão os estímulos e desestímulos que constituem os valores que as crianças carregam consigo no costurar de suas histórias.

Toda criança é lúdica. Além das relações com o outro, é também através da cor, do desenho, do gesto, das brincadeiras, da curiosidade e do próprio corpo que ela faz descobertas que a constrói

como sujeito. A partir desta ideia, e com referência à experiência do aviador com seus desenhos, podemos repensar a educação que os adultos estão oferecendo às crianças, seja na escola, seja na relação familiar, seja em toda rede de relações na qual ela está inserida, e que estímulos nós, adultos, damos às crianças. Importa também não esquecer uma certa dimensão, que podemos chamar de corporal, que é também importante na forma dinâmica como cada um, e cada criança pensa a si mesma. Deste modo

(...) a imagem que cada pessoa elabora sobre si, de modo sempre dinâmico, resulta da sua história de vivências desde o próprio corpo, que é o espaço que cada um ocupa no universo, na relação com os demais e o meio em que vive, o que envolve conquistas, tensões, frustrações, desejos, ambigüidades, dúvidas... Se cada corpo é único e tem uma história igualmente única, se cada pessoa se manifesta, no mundo, com seu corpo e sua história, ao mesmo tempo, cada corpo conta uma história que também é social, coletiva, cultural, histórica. (MARTINS, 2010, p. 228)

Quando a criança desenha, por exemplo, ela expressa suas percepções sobre si e sobre o mundo e suas experiências sensoriais. Algumas autoras que estudaram o desenho infantil, como Derdyk (1989), reforçam esta conexão entre o desenho infantil e o lúdico. Para Derdyk (apud Santos, 2014) quando falamos em desenho infantil não podemos apenas nos restringir a manifestações gráficas sem ter em conta aquilo que vem agregado:

É desenho a maneira como (a criança) organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha. Entendendo por desenho o traço no papel ou qualquer superfície, mas também a maneira, como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais que dispõe. (SANTOS, 2014, p. 80)

Ao verificarmos o ensino das artes nas escolas brasileiras e, especialmente, a educação nas séries iniciais, ainda é comum ver professores trabalhando conceitos básicos como a cor, a linha, a forma, por exemplo. Não que tais aspectos da construção de imagens e experimentações artísticas não sejam importantes, mas cabe a nós, adultos educadores, percebermos que muitas vezes estas são técnicas utilizadas para fim de cópia, ao invés destes elementos participarem de forma ativa no processo de criação e elaboração de ideias e questionamentos sobre o mundo em que as crianças vivem.

Ao entrarmos nas escolas, podemos perceber claramente as visualidades que são usadas como meio de tornar o espaço atrativo e como dispositivo metodológico na alfabetização e nas

propostas artísticas. São imagens selecionadas por adultos, comumente com formas simplificadas encontradas nos meios de comunicação ou nas ilustrações de livros infantis, e que muitas vezes são utilizadas com o intuito de proporcionar às crianças a possibilidade de copiar aqueles modelos para ampliar a capacidade cognitiva. É imprescindível percebermos que

(...) a fala, desenho e escrita são sistemas de representação distintos, que dialogam, complementando-se, apesar das tensões que possam estabelecer entre si. O exercício de cada um deles envolve estruturas cognitivas, capacidade de representação, imaginação, sensibilidade, criação e articulação da experiência pessoal com a coletiva, no âmbito da cultura. (MARTINS, 2010, p. 245-246)

Neste sentido, percebe-se uma valorização quase prioritária da escrita por parte das instituições educativas, que deixam a desejar o estímulo à criatividade, sensibilidade e as relações possíveis com o mundo em que vivemos através do ato de criar. Entretanto, temos que reconhecer que, na atualidade, vivemos uma intensa imersão e uma constante interação com imagens, estas potencialmente carregadas de discursos que também fazem parte do processo de subjetivação de indivíduos. Além disso, referenciais prontos excluem a possibilidade da criança significar e ressignificar as suas experiências, além de impedir o acesso a formas e expressões até então desconhecidas por ela.

Sabemos que a criança passa pela fase onde a fronteira do real e do imaginário é estabelecida, quando começa a fazer associações sobre suas vontades e sobre suas dificuldades. Entendemos que cada uma delas experimenta diferentes tipos de infância e isso influencia na maneira como enxergam o mundo e como respeitam seus limites. Essas infâncias singulares são constituídas por territórios que de alguma forma são delimitados. Nesses espaços “O ser se entende como limite, habitante de uma fronteira que se situa em uma delgada linha na qual a razão fronteiriça se esforça, mediante a linguagem e os símbolos, para construir um cerco no qual o próprio ser pode ser cultivado” (MORIYÓN, 2010, p. 149).

Essas fronteiras se alargam diante do desenvolvimento evolutivo de uma criança para a fase adulta, e isso pode ser compreendido na maneira como essa criança vai lidar com as complexidades do próprio desenvolvimento humano. Muitos processos de crescimento podem ser apresentados nesse período da vida, como as noções de mundo e de interpretação, sem mesmo afetar qualquer ordem do aprendizado escolar.

3 Sobre os planetas, lampiões, raposas e reis...

A obra de Saint-Exupéry evoca então um rico imaginário que entendemos não só poder disparar uma compreensão um pouco mais alargada desse universo infantil, como também constituir um elemento de estímulo para o trabalho concreto com crianças. Nessa obra do escritor francês são essas linhas de afetos sobre planetas, lampiões, raposas e reis que ajudaram a construir saltos sobre a memória e experiências vividas na infância.

Quando começamos a pensar em imaginário infantil, muitas relações começam a se estabelecer, porém a primeira e quem sabe a mais relevante é a própria memória. Acreditamos que as conexões se estabelecem a partir das nossas próprias vivências e por esse motivo são estas as primeiras a “explodir” quando nos colocamos a repensá-las e a criá-las.

A memória indica muitas leituras que se faziam presentes nos nossos dias e noites, o gosto da leitura se entrelaçava com o gosto por desenhos e bonecas, principalmente aquelas em que poderiam servir como ponto de força ou até mesmo subsídio para aproximação de um mundo próprio, criando assim a fuga para o futuro que já delineava uma imaginação.

O imaginário de uma criança se desenha a partir de suas vivências, e quando falamos sobre o mundo do rei, revivemos diversas brincadeiras, onde nos púnhamos a usar muitas das características de pompa de uma realeza, que faziam dançar, rodopiar, maquiagem, cantarolar, sonhar com um mundo colorido cheio de rosas, margaridas e amores perfeitos, flores preferidas, onde os chocolates faziam parte da refeição principal, todos sonhos e fantasias vivenciados em um cômodo pequeno que tornava-se imenso. Retornando e focando na leitura, necessitamos afirmar o encantamento que a doçura do menino dos cabelos dourados transmitiu e ainda a leveza que nos enreda e motiva a dar continuidade a este ato de cantarolar, que enobrece a alma, acalma o coração e norteia os passos. Que mundo é esse cheio de cor que permite tantas invenções? Ainda que continuemos a assistir à aplicação de um sem número de convenções e regras de uso no que respeita à aplicação da cor em seus trabalhos de expressão plástica (cor de céu, cor de “pele”, cor de ...), parece inegável que

Para a criança, a cor não se reduz a uma simples impressão visual, mas afeta todos os sentidos: ela aspira, respira, escuta degusta (...). A criança reveste a cor. A cor é um espetáculo, uma paisagem, mas uma paisagem que a criança habita e com a qual se mistura. (RENÉ, 2009, p. 100-101)

A nobreza, que é descrita por roupas e cores, cores essas que não são mais externas, e porque fazem parte do mundo habitado na infância, não é sentida como na vida. Essa nobreza apenas é uma convenção e, quiçá, uma relação do mundo, do mundo daqueles que se envolveram com uma vivência apenas do real, esquecendo sua essência. Ao questionar essas relações, percebem-se detalhes que não são importantes a seres que apenas sentem com o coração, que não estão presos ao mundo destes outros – os adultos - que correm por detrás das cortinas do encantamento natural da vida.

Com o diálogo entre os dois personagens nota-se o quanto são criadas convenções e relações desnecessárias, pois nelas perdem-se as sutilezas dos sentimentos, os entrelaces necessários aos requintes de bons relacionamentos vão esvaindo-se em busca do racional, do lógico criado numa outra fase, onde o poder ganha encanto e magia, porém não mais como motivador de coisas simples, que criam novos horizontes e ampliam relações entre os dois mundos, o real e o fantástico.

Dentro de nós, que hoje estamos em fase adulta, existiu um ser pequeno que confiava nos seus ideais, em seus medos, nos seus heróis, que cativou muitas flores, raposas, que não compreendeu o motivo de certas respostas a tantas indagações feitas, pois passamos pela fase do mundo simples e mágico, onde tudo permanece intacto aos olhos do coração ou na memória. Porém tudo que é sentido e experimentado de forma sensível pode não ser lembrado de imediato, mas sempre há uma lembrança que tenha cheiro, som, cor, forma e que construiu o ser que cada um é. De tal modo, não deixa de ser curioso a inversão que as crianças costumam fazer quando pensam sobre os adultos, “devolvendo” aquilo que muitas vezes os adultos pensam delas. Por isso para as crianças

As pessoas grandes são muito esquisitas.

Saint-Exupéry, 2004

A “esquisitice” de que nos fala o escritor não será mais do que esse desajuste entre o imaginário infantil (e as poéticas onde ele se movimenta) e o mundo convencional e regrado dos adultos, em que tudo parece ser expectável e tem que se encaixar e guardar, imóvel, na respectiva estante. Arriscamo-nos a dizer que o pequeno príncipe nos acompanha nessa visita às antigas memórias infantis, que aguçam nossa imaginação para justamente nos colocar de novo nesse estado de movimento, de criação e inventividade. Essa literatura nos permite adentrar nesse estado

fabuloso da imaginação e das lembranças, quando nossa capacidade criadora pode ser despertada ao máximo no momento de *tornar-se criança* novamente.

No entanto, para evitar essa espécie de rotina segura que inibe a criatividade, e para se poder sugerir outros papéis, ou *outras* interlocuções professor(a)/criança, e criança/criança, é preciso abrir a escola à espontaneidade e ao não-planejado e ter em conta que:

Não se trata de nos infantilizar novamente, de voltar à nossa tenra infância, de fazer memória e reescrever nossa biografia, mas de instaurar um espaço de encontro criador e transformador da inércia escolar repetidora do mesmo. Quem sabe, tal encontro entre uma criança e uma professora ou entre uma criança e outra criança ou, ainda, entre uma professora e outra professora possa abrir a escola ao que ela ainda não é, permita pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela um espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis. (KOHAN, 2007, p. 98)

As questões educativas e de desenvolvimento pedagógico na infância podem atribuir a esse período as noções de criatividade e habilidades para gerarem adultos que façam um mundo melhor. Ou que supostamente o façam. Talvez se pensássemos a educação de formas diferentes, poderíamos adequar essas relações de invenção não somente às memórias de infância, mas aos encontros que temos durante toda a vida, das narrativas que construímos no coletivo e como isso influencia em nossos modos de subjetivação.

Quando o pequeno príncipe percebe que o homem que acabara de conhecer, que até então era o menos absurdo, e o que apresentava um trabalho com sentido, com finalidade, era afinal, o único com o qual seria possível manter uma amizade se não fosse o impedimento do pequeno tamanho do seu mundo, o que o limitava absurdamente. O encontro se dava com o acendedor de lampiões, onde o dever e a obrigação dele era de acender e apagar o lampião uma vez por dia, mas o processo acelerava a cada dia que passava, até o auge de ter de acender e apagar o lampião no tempo que antes era de um minuto. O príncipezinho pergunta se os dias estão mais curtos, mas o acendedor então explica: “*Aí é que está o drama! O planeta de ano em ano gira mais depressa, e o regulamento não muda!*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 48) e o acendedor fica sem tempo para descansar. O que mais gostava de fazer era dormir, e agora é impedido, pois não há tempo para descanso. O príncipe tenta apresentar uma solução, mas que não dá conta do problema do acendedor, mesmo dizendo que: “*Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 50), querendo mostrar ao acendedor que ele pode ser fiel ao regulamento, mas que também pode ser preguiçoso e ter seus momentos de lazer/invenção/criação.

Entretanto, o acendedor retruca enfatizando que com esse regulamento não é possível, que ele precisa de reformulações. Arriscamo-nos a dizer que a educação necessita de constantes reformulações? Como os encontros que temos, em nosso mundo imaginário, em nossa infância, reverberam nas experiências da nossa vida adulta?

Na obra, o escritor francês apresenta, em algumas frases curtas, mas intensas, uma certa ideia de comprometimento, quando a partir de alguma forma ou prática pedagógica afetiva envolvemos e integramos a criança, definitivamente, “naquilo” que (se) aprende. Essas frases perpassam o sentido linear da obra, funcionando de diferentes formas, potentes, mesmo não estando inseridas no contexto do livro.

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

Saint-Exupéry, 2004

Também por isso, dentro dessa espontaneidade, desse inesperado e dessa imprevisibilidade, o cuidado – essa responsabilidade eterna de que nos fala o escritor - que deveremos ter com a linguagem, com o dito, ou com o narrado, que uma vez proferido, impacta e já não pode ser apagado.

Mas então como falar com a criança que permanece em algum ponto no adulto? “*só as crianças esmagam o nariz nas vidraças*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 76); como falar na possibilidade de cada um contar a sua história e ter o direito de descobrir a sua estrela, o seu lar? Ao compartilhar ampla e demoradamente deste universo imenso sem que isto pareça perda de tempo, mas ao contrário, a nossa própria salvação, o príncipezinho nos convence de estarmos ressignificando o que poderia ficar sem expressão, e fenecer na ausência de um pulsar legítimo.

Interessante perceber que o encontro com a serpente, também secularmente associada à tentação, ao bote esperto e desavisado, seja a primeira a se aperceber da singeleza das questões do jovem e, a despeito de ser rastejante “fina como um dedo”, - embora se saiba poderosa como um monarca no manejo de suas armas - fica seduzida pelos cabelos cor de trigo do príncipe, cabelos que se alçam ao vento (bem ao contrário das possibilidades do seu corpo) e, talvez por isso, não se atreve a interromper as perplexidades daquele serzinho.

Porém cabe mesmo à raposa, que frente à estranheza do menino em não encontrar quantidade de humanos, fazer-lhe refletir que a grande maioria destes, pouco aspiram permanecer,

pouco mérito veem em criar raízes e não perdem tempo com essa conversa fiada de cativar. E lhe segreda o ‘rito’: se quiseres permanecer único, imprescindível, necessário, permanentemente e memorável, comece por cativar!

“O que pode uma criança?” (KOHAN, 2007, p. 96). O que pode cativar na infância? O que podem as narrativas desenvolvidas no mundo acriançado reverberar? Que influências emitimos ao trabalharmos com a educação em sua mais primária fase? E quais experimentações tais literaturas nos permitem ter?

Considerações finais

Pensar a criança através de *O pequeno príncipe* é recordar da nossa infância. Quantos elefantes engolidos por jiboias desenhávamos e quantos chapéus eram vistos pelos adultos ao nosso redor? Pensar a infância através de *O pequeno príncipe* é também uma reflexão sobre quantos “chapéus” enxergamos nas criações das crianças de hoje e sobre o que nos afasta das experiências criativas cedendo espaço para valores outros contemplados pelo universo adulto.

É próprio da criança criar e inventar o próprio mundo através do faz-de-conta, e é entre o real e o imaginário que está o lugar de construção de sua subjetividade, de formação de conceitos, de interpretação de tudo que a cerca. No entanto, crianças crescem e ao invés de viverem em um mundo de descoberta, de surpresas, de alegria e potencialidades, passam a ser sujeitos de atitudes céticas e ideias programadas. O aviador, surpreso com o desejo de um menino de ver o desenho de um carneiro, traz em sua narrativa a oportunidade de mergulhar na experiência do outro, daquele que veio de longe, de um lugar tão distante, distante tal qual a nossa curiosidade em desvendar o mundo de forma deliciosamente descompromissada e inocente. Distante como sua infância. Experiências estranhas e inimagináveis para nós, adultos. Possível para as crianças.

No processo de “amadurecimento” pelo qual passamos no convívio social, com a educação que recebemos e como o mundo nos é mostrado, trocamos as lentes de olhar o nosso entorno como um lugar de novidades e criatividade por uma lente que visa prazeres individuais, vícios, consumos e preconceitos.

Aparentemente, enquanto adultos, ou através dos arquétipos de adultos encontrados na literatura, tomamos por companheira a solidão. Vivemos cada qual em nosso planetinha isolado do

todo, como se não fizéssemos parte desse todo e não tivéssemos responsabilidades com relação ao todo. Segregados e ocupados em criar e resolver problemas de adultos.

“As pessoas grandes são muito esquisitas” (SAINT-EXUPÉRY, 2004, p. 41), pois comumente se limitam a compreender a criança e sua formação enquanto sujeito através apenas do que entendemos por ingenuidade, ao invés de genuinidade. Uma criança que desenha, desenha por que desconhece as normas estabelecidas das formas – dizem os adultos. No entanto, uma criança que desenha está atribuindo signos próprios que fazem parte da sua interpretação pessoal sobre as coisas. Uma criança que desenha está representando aquilo que conhece e que imagina conhecer, tecendo assim a comunicação do seu universo interior com o mundo externo.

Como pensar, através da infância, a educação que temos e que contribuições podemos dar à educação atual e a forma como vivemos? Crianças podem aprender a utilizar a matemática; podem aprender a ler, escrever e fazer uso de um bom falar. O conhecimento está atrelado a vários campos, no entanto estamos constantemente focados na ciência e na razão como modo de vida enquanto abrimos mão da contemplação da vida, da arte e das relações afetivas – seja por “raposas” ou por outros afetos.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Luisa M. M. **Arte y símbolo en la infancia: un cambio de mirada.** Barcelona: Octaedro, 2004.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância.** Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Alice F. Toda criança desenha... Toda criança desenha?!... In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010. (p. 227 – 247).

MORIYÓN, Félix García. A infância, um território fronteiro. In: KOHAN, Walter Omar (Org.) **Devir-criança da filosofia: infância da educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

RENÉ, Schérer. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças.** Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe.** Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. e. Rio de Janeiro: Agir. 2004.

SANTOS, Litza, P. Produção acadêmica sobre desenho infantil na educação infantil. In: PACHECO, L. P. (Org.) **Temas essenciais na Educação Infantil**. Salvador: EDUFBA.

[Recebido: 15 nov. 2015 – Aceito: 07 nov. 2015]